

A IDEIA

revista de cultura libertária

II série – vol. 17 – n.º 73-74 – Outono de 2014

ÍNDICE

DECLARAÇÃO

- Sobre-Realismo em tempos de Café Gelo / Gelo
em tempos de Surrealismo 3

I SURREALISMO & CAFÉ GELO

- Manuel de Castro** 7
Cartas inéditas a Helder Macedo com nota deste 9
Carta inédita a Carlos Loures com nota deste 13
Poema em catalão por Fêlix Cucurull 15

Ricardo Ventura

- O espólio de Manuel de Castro 17
Manuel de Castro (*Inéditos*) 20

António Barahona

- Mágico, Manuel 25

Vasco

- Manuel de Castro & Gelo 28

Luiz Pires dos Reis

- A estela mântica do mito: a rútil construção da argonau 29

Miguel Filipe Mochila

- Quem tem medo do surrealismo 32

Maria Estela Guedes

- Sobre Manuel de Castro – um texto de Herberto Helder 35

Maria de Fátima Marinho

- Vertigens do lugar 39

Jorge Telles de Menezes

- Manuel de Castro: a Luz em viagem 42

António Cândido Franco

- Manuel de Castro: os versos de gelo 47

Arthur Rimbaud

- Últimas palavras escritas 51

Luís Amaro

- O melhor 'retrato' de Mário Cesariny 52

António Salvado

- Ao Mário Cesariny, aqui 54

Virgílio Martinho

- Sábado Festa 55

Luiz Pacheco

- Carta inédita a Virgílio Martinho 56

Manuel Silva Ramos

- Visita a Luiz Pacheco 58

Carlos Mota de Oliveira

- Poema-homenagem 59

Almerinda Pereira

- Luiz Pacheco: notas sobre um pedido de pão 60

Maurícia Teles

- Luiz Pacheco 62

Sofia Santos

- Luiz Pacheco: uma literatura descarnada 63

Nicolau Saião

- Como o outro que diz 65

Pedro Oom

- Carta a Nicolau Saião com notas 68

- Três poemas 69

Alfredo Margarido

- Um semi-inédito de 1957 71

- Surrealismo negro 72

Paulo Jorge Brito e Abreu

- Bon sauvage 77

Fernando Botto Semedo

- Mário Cesariny – a casa da poesia 78

Laurens Vancrevel

- Walking down the streets with Mário Cesariny 79

Carla Ferreira de Castro

- Passeando nas ruas com Mário Cesariny 80

António Cândido Franco

- O renque tão decisivo do mar e do céu marinho 81

Isabel Meyrelles

- Entrevista 82

Arnost Budik

- Carta inédita a Cruzeiro Seixas 85

Manuel Neto dos Santos

- Homenagem a Cruzeiro Seixas 87

Raul Leal

- Carta inédita a Almada Negreiros [trecho]

- anotada por Manuela Parreira da Silva 88

Ruy Ventura

- Dois testemunhos de Manuel D'Assumpção

- Manuel de Castro entrevista D'Assumpção 93

D'Assumpção

- Carta inédita a João de Vasconcelos

- anotada por Ruy Ventura 94

António José Queiroz

- O Pintor 95

Manuel Hermínio Monteiro

- Pascoaes de avião 96

- A morte não existe 96

Teixeira de Pascoaes

- Carta inédita a Albert Vigoleis Thelen 97

João Mendes de Sousa

- No Gancho de António 99

Nunes da Rocha

- Gancharia 100

- Ângelo de Lima 101

Manuel Villaverde Cabral

- Radicalidade estética, radicalidade política 106

Luiz Pires dos Reis | Donis de Frol Guilhade

- Varik ou a gesta orgânica na cidade mineral 107

Amadeu Baptista

- Viagem nocturna 109

CARTA INÉDITA
DE LUIZ PACHECO A VIRGÍLIO MARTINHO

Setúbal, 15 de Janeiro/1992

Caro Virgílio Martinho

Mando este para o Teatro, porque não sei (perdi) a tua morada e nada sei de ti. Uma noite destas, em sonho, estivemos a discutir eu a editar-te, principalmente

– O Menino Novo

– A Caça

que são textos excepcionais. Quando acordei, nicles! Sonhos, fantasias, projectos... é o Calvero (Chaplin), nas *Luzes da Ribalta*, que confessa; “é bom morrer com projectos”. É. Mas amarga um tanto, cá por dentro. Por fora, – notar-se-á?

Viste o filme na RTP? não quiseste ver? deixaste-te ficar na cervejola, nas Bermudas fatais.

Aqui, fez certo sucesso, principalmente aquela de eu terminar o teu depoimento com – “ó Virgílio, isso são favores, elogios, que se digam?! Eu tou todo MIJADO!” E estava.

Nada sei de ti. E pouco do resto da malta. Com o frio, a chuva não me atrevo a sair do buraco. Domingo, dei um salto rápido a Pinhal Novo (10 minutos de comboio, 50\$00), vi o Paulo, o m/ neto, e comprei no mercado (coisa importante) um capucho por 500\$00. O Paulo está a acabar nova (a 6.^a parece-me) edição d’ *O Libertino*. Aqui, um editor foleiro ficou a dever-me 250 contos. Para não lhe ir às ventas, passei procuração legal ao Paulo. Ele inda consegue ser + ingénuo do que eu. Vai ser enganado, sempre!

Na SPA houve A. Geral animada. Não fui. Passo sempre procuração ao Rebello, mas os tipos andam a abusar (e na APE, também). Ri-te, se puderes. Hoje mandaram-me um autocolante bem giro para eu colar no meu POPÓ! É gozar.

Escreve qualquer postalinho. Eu não vou a Lx., que a poluição (mental, etc.) ali me sufoca.

Abração do
Luiz Pacheco

P.S. – O *Diário* faz falta. O *Avante* está melhor.

NOTA DE APRESENTAÇÃO

Carta manuscrita, em três curtas páginas, que nos foi cedida por Rui Martinho, a quem agradecemos. As relações de Virgílio Martinho (1928-1996) e Luiz Pacheco (1925-2007) terão começado na segunda metade da década de 50 do século XX, num dos dois cafés que os surrealistas portugueses por então frequentavam, o Royal, no Cais do Sodré, e o Gelo, no Rossio. O autor de *A Caça* deve ter chegado ao Café Gelo por volta de 1956 ou 57 na companhia de António José Forte, que conhecia desde o final da adolescência. Quem os levou para o Gelo? Impossível dizer. Fosse como fosse, Virgílio Martinho tornar-se-á, ao lado de Pacheco e de Forte,

um dos fiéis das reuniões do café, que frequentou até ao final, em 1962, e um daqueles que no grupo mais se empenhou, ao lado de Cesariny, que lhe editou a estreia em livro, *Festa Pública* (1958), no surrealismo. Em 1966, no momento da morte de André Breton, assinou o panfleto que Mário Cesariny por então deu a publicar no jornal *República*, “Não há morte – na morte de André Breton” (texto recolhido no livro *As mãos na água a cabeça no mar*). No mesmo ano Cesariny recolheu colaboração sua na colectânea *A Intervenção Surrealista*. Ainda em 1966 Virgílio prefaciou a estreia “comercial” de Luiz Pacheco, *Crítica de Circunstância*, na editora Ulisseia. O livro teve pesada e injustíssima crítica (v. Eduardo Prado Coelho, *Diário de Lisboa*) e foi apreendido pela censura. Virgílio Martinho exclamará (*Pacheco versus Cesariny*, 1974: 251): *A apreensão serviu a toda gente*. Em 1970, já desavindo com Cesariny, por causa de recensão no *Jornal de Letras* em 1968 à edição de *Textos Locais* de Luiz Pacheco (1967), colabora no número único de *Grifo*, onde parte do grupo do café Gelo comparece. As relações de Virgílio e Pacheco mantiveram-se sempre altas, como o demonstra esta carta manuscrita e já de 1992. Sem nunca ter editado o amigo em vida, Luiz Pacheco veio a editá-lo na Contraponto depois da morte, em 1997, com a reedição de *Relógio de Cuco*, um livro de 1973, que abre com uma epígrafe de Breton (*o espírito que mergulha no surrealismo revive com exaltação a melhor parte da sua infância*). Na folha que enviou aos assinantes a anunciar o livro, Pacheco escreveu então: *Virgílio Martinho faleceu e a obra que deixou publicada não tem tido (por razões que seria demorado explicar, enumerar ao menos) a projecção que, julgo, merecia. Outrossim, na minha carreira de editor, não ter lançado uma obra do Virgílio era uma mágoa. Fico contente com esta edição.*

O editor foleiro a que a carta se refere deve ser o então dono da Plurijornal, uma sociedade criada pela empresa que editava *O Setubalense* e que editou no segundo semestre de 1991 uma antologia de textos de Luiz Pacheco, *Textos Sadios*, com colaboração de Maurícia Teles (na revisão) e de João Carlos Raposo Nunes (contracapa). A sexta edição de *O Libertino* apareceu em Março de 1992, na editora Colibri. Tem uma cinta com os seguintes dizeres: *edição comemorativa – 30º aniversário – inclui textos: Victor Silva Tavares, Maria Alice Veiga Pereira, Alfredo Margarido, Júlio Moreira, Alexandre Pinheiro Torres, José Manuel Rodrigues da Silva*. Edição dedicada a Victor Silva Tavares e a Paulo Pacheco (*um agradecimento muito especial pela sua amizade e participação neste livro*), filho de Luiz Pacheco. O filme da RTP, onde Virgílio colabora com depoimento, é o documentário de Mário Lindolfo, de 1992, sobre Luiz Pacheco, que aderiu ao partido comunista português em 1989. A história da sua adesão é porém paródica. Numa entrevista de 1995, ele contou o caso da seguinte forma (*O crocodilo que voa – entrevistas a Luiz Pacheco*, org. João Pedro George, Lisboa, Tinta da China, 2008, p. 140-41): *Entrei [para o PCP] em 1989. Vim de Lisboa, apareceu-me uma hérnia. Agora já tenho duas. Na altura tinha, como tenho, um painel de doenças crónicas actuantes; não estava a contar com mais esta. De repente aparece-me aqui um inchaço: o que é isto? Ó pá!, fui logo ao médico! Era a hérnia. (...) Apanhei um susto e fui a casa de um amigo que é um fanático comunista. Fui a casa do gajo um fim-de-semana, estava deprimido, pedi-lhe para falar com o José Casanova. “Diz ao José Casanova que quero entrar para o partido como extrema-unição.” (...) Quando foi a vez do estupor do Ary... Sempre tivemos assim umas divergências, uns desencontros. Eu não ia com a pinta dele, ele não ia com a minha. Quando o gajo patinou, assisti a eles a gritar: “Ary, amigo, o partido está contigo!” Fiquei com um ataque de ciúmeira maluco. Um tempo depois preenchi a ficha, que foi lá para o sector dos intelectuais onde está o Urbano Tavares Rodrigues e uns gajos que não me gramam. Não insisti, vim para Setúbal. Não tenho nada mentalidade de disciplina, pópópó... Tenho as minhas relações desde 1935/40. Conheci muita gente comunista. Eles comigo implicavam, faziam silêncios. Eu, de repente, dizia: “O Urbano é uma merda, escreve muito mal.” Ficavam consternados: “oh!” De maneira que, seis meses depois, fui perguntar ao meu amigo em que ponto é que a coisa estava: “Eles perderam a tua ficha.” “Ah perderam?! Faça outra.” Ele encontrou muita resistência, mas aquilo lá acabou por passar. Mas não tenho aproximação, não vou lá. [ACF]*